Algumas considerações sobre sexo e casamento hoje (e a questão da frustração/privação)*

BERNARDO JABLONSKI**

O movimento em direção a um liberalismo na área da sexualidade, ao lado da emancipação feminina e do aumento da longevidade, tem atuado no sentido de colocar em xeque o modelo tradicional de união monogâmica e indissolúvel. Esse movimento é analisado através da questão da frustração e da privação, que fornecem um referencial promissor no que diz respeito à investigação das causas da crescente insatisfação reinante quanto ao aumento do número de relações extramaritais (REM) e suas implicações na chamada crise do casamento contemporâneo. Aborda-se ainda a dificuldade em se traçar normas e padrões gerais de conduta quando se trata de sexualidade, e a questão maior da contradição que a própria sociedade contemporânea induz, ao impor concomitantemente um modelo de casamento monogâmico indissolúvel e um atordoante e maciço clima de liberação/permissividade sexual.

Uma das questões que mais afligem e torturam os sociólogos contemporâneos é a que se refere às causas da liberação sexual no século XX. A diminuição da religiosidade, o advento de anticoncepcionais efetivos e simples (e uma conseqüente maior separação entre sexualidade e maternidade), o movimento de emancipação da mulher, os avanços tecnológicos (curiosamente, incluindo o telefone e o automóvel), e o surgimento da psicanálise são as principais causas apontadas – *per se* ou inter-relacionadas – para a chamada revolução sexual que acabou por luzir nos anos 60, embora de modo algum possa se dizer que haja consenso entre os estudiosos, acerca da primazia ou do grau de importância de alguns dos motivos supracitados.

Os autores concordam na constatação de que existe uma tradição ocidental que remonta aos primórdios do cristianismo e que faz do sexo – mesmo o legitimado socialmente pelo casamento – algo impuro, imoral, pecaminoso ou, no melhor dos casos, "tolerável". Este conjunto de atitudes, no entanto, vem mudando de modo significativo em direção a um liberalismo, liberalismo esse que pode ser traduzido pelo aumento do sexo pré-marital, uma vida sexual mais livre (principalmente para as mulheres), aumento dos estudos sobre a própria sexualidade, comunicação mais espontânea e franca entre os casais sobre sexo (que por sua vez deve levar a uma melhoria da qualidade das relações), e aumento das expectativas pela elevação dos

* Artigo apresentado à Redação em 20.12.88.
** Professor do Departamento de Psicologia da PUC/RJ e Mestrado em Psicologia Social da UGF. O autor agradece ao Prof. Aroldo Rodrigues pela orientação. (Endereço do autor: Rua João Borges, 89/102 - Gávea - 22451 - Rio de Janeiro, RJ)

patamares pretendidos do que seria uma relação satisfatória. Alguns pesquisadores lembram, muito apropriadamente, que "a história de sexualidade ocidental é muito mais a história de ciclos antagônicos do que a de um desenvolvimento linear. Períodos de liberação se seguem a períodos de repressão, num típico movimento pendular" (Skolnick, 1987, p. 204).

Assim, o movimento de liberação que estamos vivendo hoje pode muito bem dar lugar a uma nova versão vitoriana ou mesmo cristã da Idade Média acerca da sexualidade: A questão da herpes no final dos anos 70, e agora a Aids – de forma mais grave, por ser ainda incurável – podem se transformar bem rapidamente em balizadores de um tempo mais conservador, mais "puritano".

Afinal, a questão da "normalidade" da vida sexual encontra-se em grande parte atrelada ao que a cultura em um dado momento chama de certo ou errado. Enquanto na Idade Média os teólogos percebiam a paixão entre os cônjuges como imoral ou salutar apenas quando visava à concepção, hoje em dia amor e sexo são aspectos centrais do casamento, constituindo-se mesmo em motivo aceitável de divórcio uma incompatibilidade irremovível nesta área. O bissexualismo grego e romano, a submissão total por parte das mulheres na maior parte de nossa história, a poligamia islâmica, as centenas de milhares de mulheres africanas sem clitóris (milhões, para alguns pesquisadores), a disfarçada poligamia da colonização portuguesa, tudo isso nos parece, segundo os padrões que aprendemos hoje como moralmente corretos, como destituído de sentido e até mesmo de difícil aceitação, como se pudesse ter havido "anomalias" dessa natureza.

Mas como não é nossa intenção traçar aqui uma história da sexualidade, vamos nos limitar ao que já foi dito acima e tentar analisar as possíveis influências desse dito movimento de liberação no casamento.

Talvez, por mais irônico que possa parecer, seja a combinação de uma sexualidade mais livre, mais tempo de vida e a emancipação da mulher que tenha colocado contra a parede o modelo tradicional de união monogâmica e inseparável até a morte de um dos cônjuges.

Começando pelo princípio – sexo mais livre –, dos relatórios Kinsey à pesquisa de Hunt nos anos 70, o sexo veio se tornando mais igualitário, com os maridos mais preocupados com a satisfação de suas esposas, com as mulheres mais participantes, com ambos os parceiros mais livres em termos de carícias preliminares ou de posições durante o coito, com uma consciência mais clara da busca de prazer com algo aceitável e desejável e de um aumento por parte das mulheres no acesso ao orgasmo. Segundo Hunt (apud Skolnick, 1983) as relações sexuais com orgasmo para as mulheres teriam passado de uma em cada dez, nos idos do século XIX, para cinco ou seis, nos anos 70.

Estas mudanças, como se pode perceber, afetaram bem mais dramaticamente a mulher do que o homem. Quando se fala, por exemplo, do significativo aumento das relações sexuais antes do casamento, o que se tem em mente é o contingente feminino, onde houve uma verdadeira inversão de atitudes e de comportamentos em menos de 30 anos. A virgindade antes do casamento passou de meritória e modal a suspicaz e minoritária. Em pesquisa por nós realizada (Jablonski, 1988), do contingente de jovens solteiras com idade média de 19 anos, 36% declararam-se virgens, das quais metade afirmou não pretender casar-se sem ter experiências.[1] Se, por um lado, o aumento vertiginoso do número de adolescentes grávi-

[1] Mais uma vez cabe lembrar que o desenvolvimento histórico, pelo menos no que diz respeito à sexualidade, não é linear. No século XVIII, nos Estados Unidos (Massachusetts), no fim do período puritano, há registro de quase 1/s de noivas não-virgens subindo ao altar.

das, principalmente nos EUA, é um subproduto bem indesejável desse novo estado de coisas – quase um milhão de adolescentes engravidam anualmente naquele país, num processo merecedor de muita atenção pelas evidentes conseqüências psicossociais envolvidas – por outro lado, essas experiências parecem desempenhar um papel importante no que toca à satisfação sexual posterior, numa relação positiva entre maior experiência e satisfação. (Pesquisas realizadas por Terman, Burgess, Wallin, Kinsey, apud Hunt, 1974).

A emancipação feminina, por sua vez, tem levado a uma demanda de maior igualdade entre homens e mulheres quanto à livre expressão sexual e à diminuição gradativa da chamada "dupla moral". E aqui a mulher se encontra em um momento particularmente difícil. Não quer mais ser a subserviente passiva e assexuada, mas também não é ainda a mulher livre idealmente cantada em verso e prosa nos filmes, propagandas, letras de música ou na imagem popularizada que os grandes jornais fazem de pequenos segmentos da Zona Sul do Rio de Janeiro. O que se pode observar, e aqui incluo os dados da pesquisa por nós realizada (Jablonski, 1988), é um meio de caminho até bastante frustrante, e, como o dissemos acima, fator precipitador da crise.

Para esclarecer mais adequadamente essa posição, vamos remontar a Aronson (1984), que aponta as diferenças entre frustração e privação e as implicações psicológicas importantes envolvidas nessa distinção, que são a nosso ver fundamentais também nesse campo de estudos. Na privação, o sujeito não possui algo (um objeto, emprego, situação, etc.), mas também tem pouca ou nenhuma expectativa de vir a tê-lo. Tomando-se um exemplo pessoal, à guisa de ilustração, no meu caso, como pesquisador e professor universitário e vivendo no país em que vivo, não penso seriamente em comprar um carro Mercedes Benz, passar as férias de inverno nos Alpes suíços ou desposar a Miss Brasil. No entanto, vou me sentir bastante frustrado se não dispuser ao menos de um carro usado, não puder tirar férias anuais e não me casar com uma mulher dentro de certos padrões (pode ser a segunda colocada no supracitado concurso). A felicidade no caso dependerá dos objetivos propostos. Mas além disso, os estudos sobre frustração têm demonstrado – e isso nos interessa de perto – que quanto mais perto se está de um alvo aparentemente atingível e, se por uma razão qualquer isso não se dá, os sentimentos de perda, insatisfação, dor ou raiva serão significativamente maiores. Em um exemplo citado por Aronson, sujeitos com fome eram impedidos de conseguir seus pedidos em uma lanchonete em vários momentos: ao sair de casa, próximos da lanchonete, na porta, e na fila de espera no início, no meio e na boca da caixa. As respostas dos sujeitos eram tão mais agressivas e irritadiças quão mais perto do alvo eles estavam. A frustração aumenta à medida em que a interrupção ocorre mais próxima do alvo.

O que acreditamos estar acontecendo, voltando à sexualidade e à própria emancipação feminina, é um movimento análogo ao citado por Aronson. Quando as mulheres estavam desesperançadas e quase que apáticas com relação aos seus defeitos ou possibilidades no casamento, seu grau de insatisfação era, ironicamente, menor – ou senão, pelo menos, imobilizante. Segundo a maioria das pesquisas atuais sobre a iniciativa dos divórcios, percebe-se inequivocamente o papel da mulher como a parte que propõe a separação, mesmo com o conseqüente empobrecimento. Da mesma forma, estudos sobre revoluções e conflitos raciais apontam para o fato de que sujeitos sem esperança, ou na mais extrema pobreza, têm uma dificuldade muito maior de se "rebelarem" do que sujeitos em melhores condições sociais e econômicas, sujeitos esses que puderam sair da situação de penúria em

que estavam, olhar "criticamente" suas posses e/ou possibilidades e compará-las com o que a sociedade local está então a lhes oferecer.

A insatisfação daí resultante, que deve estar fundamentada em iniqüidades percebidas pelas mulheres, sobrecarregadas, entre outros problemas, por dupla jornada de trabalho, por estarem casadas com maridos que detém uma visão mais tradicional do papel que lhes cabe em casa, por dificuldades no ingresso e na ascensão no mercado de trabalho, etc., pode estar sendo agravada por este fenômeno que poderíamos chamar de "frustração aumentada pela visão da luz no fim do túnel".

Mas, além deste aspecto psicológico ligado à frustração, apontado por nós, pesquisadores levantam uma outra questão, até mais delicada, e que diz respeito à sexualidade e à monogamia. O aumento da longevidade pode ter chamado a atenção para a extrema dificuldade no contrato de exclusividade sexual que os nubentes se prometem diante do altar. A bem da verdade, como já salientara Ariès, "o casamento no qual o homem pode repudiar a mulher e se casar novamente é sem dúvida o modelo mais difundido, o mais comum em toda parte, *exceto no Ocidente*" (1985, grifo nosso). Deste modo, as outras culturas, no espaço e no tempo, resolveram/resolvem a questão da monotonia e o desejo de variedade sexual simplesmente mudando de parceiro.

E os casais de nossa cultura, como resolvem sua situação? As soluções encontradas, se é que podem ser assim denominadas, passam pelo adultério.[2] Como ainda vigora em nossa cultura, o padrão de dupla moral (que concede ao homem muita liberdade e à mulher muita falta de liberdade), o homem goza de uma independência e autonomia muito grandes, contando para isso com a colaboração de mulheres solteiras, separadas, algumas casadas adúlteras, ou mesmo as ditas "profissionais do ramo".

Dentro do que é possível confiar em questionários respondidos anonimamente (sempre com um desconto para menos), os dados obtidos em pesquisa por nós realizada mostraram um índice geral de infidelidade (como pelo menos um *affair*) de 58% para separados (homens 80% e mulheres 36%), de 38% para o grupo dos casados (homens 58% e mulheres 18%), e de 33% para o grupo de casados idosos (sendo homens, 50% e mulheres 16%). Macedo Araújo (1985) encontrou também aqui no Rio de Janeiro percentagens ainda maiores, de 87% para os homens e de 33% para as mulheres, independentemente da condição civil. Podemos citar ainda Chew (1972), que encontrou respectivamente os números de 60 e 40%, Hunt (1974), com 41 e 18%, o clássico estudo de Kinsey, com 50 e 26% e o trabalho de Thompson (1983), *Extramarital sex:* a review of the research literature, que menciona outros 10 estudos, com percentis encontrados que variam, para homens, de 20 a 66%, e, para mulheres, de 10 a 69%. Ele mesmo, em 1984, encontrou em pesquisa realizada na Austrália 42% e 45% – uma "vitória" apertada das mulheres. Para encerrar essa sucessão de dados, o *Jornal do Brasil,* na sua edição de 22.2.88, reporta resultados da Associação Italiana para Estudos Demográficos que, em pesquisa recente com 20 mil pessoas, encontrou o impressionante índice de 66% de infidelidade para mulheres casadas. Estudiosos da formação étnica brasileira revelam que a prática de sexo não-marital na época colonial, principalmente

[2] Estamos conscientes que a relação adultério/crise de casamento é unívoca. As REM podem ser causa ou conseqüência de problemas maritais, ou simplesmente não haver nenhuma relação entre um e outro. Mas, na maioria dos casos, acredita-se que as REMs derivam da necessidade de variação sexual, busca de novas satisfações emocionais, retaliação, ou são reflexo de um mau casamento. Outros estudiosos apontam ainda para o papel desempenhado por fatores tais como: envelhecimento, falta de maturidade, alcoolismo, surgimento de oportunidades, etc. Configura-se a esse respeito o recente trabalho de Spanier e Margolis (1983).

– acho que poderia se dizer exclusivamente – entre portugueses e seus descendentes e escravas, índias e negras, era considerada "normalíssima".

O que todos esses números significam? De certo modo, a infidelidade masculina não constitui nenhuma novidade em termos históricos e os etólogos chegam a reivindicar o que chama de efeito Coolidge como uma propriedade dos machos mamíferos e primatas. Esse efeito diz respeito à capacidade de renovação de avanços sexuais por parte do macho sempre que uma nova fêmea é/está à disposição.[3]

Se este comportamento é cultural ou se tem bases biológicas é uma discussão que não cabe aqui. O que nos interessa é demonstrar que a emancipação feminina, aliada à liberação, está fazendo com que as relações extramaritais deixem de ser uma prerrogativa eminentemente masculina, sacudindo os valores reinantes e precipitando a busca de soluções para problemas até então relativamente ignorados, dada a submissão feminina e o domínio masculino (aliados ao comodismo e a uma certa dose de hiprocrisia). A este respeito, Hunt (1974) faz uma analogia entre as atitudes do cidadão médio para com a infidelidade e o imposto de renda: "Muitos trapaceiam – alguns pouco, outros muito; a maioria dos que não o fazem, não o fazem por medo, embora gostassem de fazê-lo; nem os sonegadores de fato nem os que só fantasiam admitem isso a não ser para alguns poucos confidentes; e praticamente todos ensinam seus filhos a não fazerem isso, mesmo não acreditando em si mesmos e nem que seus filhos tampouco acreditem (...)."

Ironias à parte, os números que apresentamos, agora avolumados por um significativo contingente feminino, devem primeiramente ser encarados como um reflexo de que algo vai muito mal no reino do casamento, e em segundo lugar como provável fator desencadeante de grandes mudanças nas atitudes, comportamentos e mesmo na legislação para com o casamento monogâmico e indissolúvel, o mesmo casamento que "herdamos" como um seguro navio que singraria num mar de felicidades e que percebemos estar fazendo água por todos os lados.

Antes de encerrar o presente trabalho, gostaríamos de abordar, ainda que resumidamente, outros pontos relevantes à questão da sexualidade e sua relação com o casamento.

O primeiro deles diz respeito a um outro fator mediador das diferenças no número de relações extramaritais entre homens e mulheres. A maioria dos estudos existentes dá apoio à noção popularmente difundida de que os homens – comparativamente – procuram a relação sexual mais pela relação em si, enquanto as mulheres a procuram dentro de um contexto mais afetivo, como um meio de desenvolver uma relação de modo, digamos, mais holístico, e que englobaria a esfera sexual. A constatável crescente diminuição na diferença do número de REMs entre homens e mulheres é produto, a nosso ver, da emancipação feminina e do clima de liberação sexual de nossos dias, que faz com que as mulheres – mesmo mantendo como meta o vínculo sexo/amor – acabem se envolvendo com mais facilidade em relações de curta duração.

[3] Segundo a lenda, esse efeito foi assim batizado em honra ao presidente americano Coolidge. Estariam ele e a primeira dama (a senhora Coolidge) passando o fim-de-semana em uma fazenda. À tarde, em meio a um passeio solitário, a Sra. Coolidge deteve-se no galinheiro e, impressionada pelas atividades do galo, perguntou ao caseiro quantas vezes o galo copulava por dia. "Dúzias de vezes", foi a resposta. "Por favor, diga isso ao presidente quando ele passar por aqui", falou a primeira dama. Quando o presidente mais tarde fazia seu passeio igualmente solitário foi abordado pelo envergonhado caseiro. Calmamente o presidente retorquiu: "Com a mesma galinha?" "Ah, não, sr. presidente, cada vez com uma diferente." "Pois é, diga isto à minha senhora quando ela tornar a passar." E saiu para prosseguir em seu passeio (para desespero das feministas – nota do autor).

A segunda observação é a de sublinhar a já sobejamente constatada dificuldade de se traçar normas e padrões gerais de conduta quando se fala de sexualidade. O que se observa nesse campo é uma grande variedade, mesmo quando se tem em mente regras de conduta e de atitudes tidas como ideais em certo tempo/momento cultural. Como exemplo, podemos citar a própria atividade sexual dentro do casamento, a única forma amplamente aceita e socialmente legitimada de sexo, e que, segundo pesquisa levada a cabo por Greenblat (1983), ocorre em recém-casados até um ano, *de uma vez por mês a todos os dias* (média, 14,1; dp 8,6), como uma surpreendente variação para uma amostra relativamente homogênea. Estudo similar realizado por Jasso em 1970 e 1975 e reportado em 1985 encontrou respectivamente as médias e desvios-padrões de 8,9 e 7,1 e de 8,2 e 5,7, também com respeitável dose de variação. Em matéria de sexo é preciso se estar consciente para o fato de que se os números não mentem, pelo menos contam histórias fantásticas.

Dentro dessa mesma linha de atenção às diferenças, destaca-se a importante questão das classes sociais. Quando escolhemos a classe média como alvo de nossa atenção, o fizemos conscientes de que classes alta, média e pobre detêm visões bem distintas em termos de atitudes e comportamentos acerca de sexo, mesmo nos dias de hoje, quando a classe média urbana tende, através de um expressivo controle da maioria da mídia e das artes, a exportar o seu código de valores sobre esses e outros assuntos.

Finalizamos o presente estudo reiterando o que nos parece um ponto crucial, qual seja, o da contradição entre a concepção que herdamos de um casamento monogâmico indissolúvel e a convivência quase forçada com a atordoante e tentadora liberação sexual dos dias de hoje. Essa situação arma um cenário propício ao surgimento de conflito e frustrações, e faz da prometida monogamia um compromisso difícil de ser efetivado para a maioria das pessoas, com todas as dolorosas conseqüências que as frustrações costumam provocar. Esperanças atreladas a promessas não-cumpridas podem gerar revolta e respostas agressivas em qualquer campo do comportamento humano. Como já observara Alexis de Tocqueville, há mais de 100 anos, "evils wich are patiently endured when they seem inevitable, become intolerable once the idea of escape from them is suggested".

Abstract

The movement towards liberalism in the field of sexuality, along with women's movement and the longer life expectancy, contributed to disrupt the traditional model of monogamic and indissoluble marriage. This movement is analyzed through the concepts of frustration, which can provide a valid frame for the investigation of the causes of growing dissatisfaction with marriage, the increasing of extramarital relationships and its implications for the so called contemporary marriage crisis. Difficulties in establishing norms and patterns of behavior in the field of sexuality are discussed, and the major question posed by modern society that requires a monogamic and permanent marriage in a pervasive and overwhelming climate of sexual liberation and permissivity is also addressed.

Referências bibliográficas

Ariès, P. & Béjn, A., org. *Sexualidade ocidental.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

Aronson, E. *The social animal* 4. ed. New York, N.H. Freeman and C., 1984.

Chew, P.T. (1972) Charlie's final fling. *The National Observer,* September 9(1), 1972.

Greenblat, C.S. Salience of sexuality in the early years of marriage. *Journal of Marriage and the Family, 45*(2); 289-300, 1983.
Hunt, M. *Sexual Behavior in the 1970's.* Chicago. Playboy Press, 1974.
Jablonski, B. *A crise do casamento contemporâneo: um estudo psicossocial.* Tese de Doutorado, FGV, 1988.
Jasso, G. Marital coital frequency and the passage of time. *Am. Soc. Rev., 50,* April, 224-41, 1985.
Macedo de Araújo, M.L. *A sexualidade do universitário: pesquisa entre estudantes do Rio de Janeiro.* Dissertação de mestrado. UGF, 1985.
Skolnick, A.S. *The intimate environment, exploring marriage and the family.* Boston, Little, Brown and Co., 1987.
Skolnick, A.S. & Skolnick, J.H. *Family in transition.* Boston, Little, Bown and Co., 1983.
Spanier, G.B. & Margolis, R.L. Marital separation and extramarital sexual behavior. *The Journal of Sex Research, 19*(1): 23-48, 1983.
Thompson, A.P. Extramarital sex: A review of the research literature. *The Journal Sex Research, 19*(1): 1-22, 1983.